



6 de abril de 2026

Spoiler Macro

Macro Strategy – BTG Pactual S.A.

Álvaro Frasson

Arthur Mota

Gabriel Fongaro

Lorena Laudares

Victor Amaral

Destques da Semana



Estados Unidos

2ºF - Serviços: O ISM de serviços de março deverá sinalizar os impactos da guerra no Irã sobre produção;

3ºF - PCE: O consumo deve seguir mostrando resiliência em fevereiro, enquanto a inflação de bens deve se mostrar mais pressionada;

5ºF - CPI: A inflação geral deve se mostrar pressionada em março puxada pela alta dos preços de energia.

Ásia | Europa

3ºF - Salários no Japão: Os ganhos salariais de fevereiro devem seguir em ritmo compatível com a meta de inflação do BoJ;

5ºF - Inflação na China: O CPI de março deve desacelerar levemente após efeitos sazonais do início do ano, enquanto o PPI deve sair da deflação após 3 anos.

Brasil

6ºF - Inflação: O IPCA de março deverá apresentar aceleração, apoiado por alimentação no domicílio e serviços atrelados ao mercado de trabalho, que segue apertado.

Dados de fechamento do dia 20-março

Indicadores de Mercado

Pós-fixado	Ações	Ações EUA	Taxa de Câmbio
CDI	IBOV	S&P 500	Dólar
14.65	188,052	6,583	5.16

Na Semana

0.27%	2.91%	1.63%	-1.55%
-------	-------	-------	--------

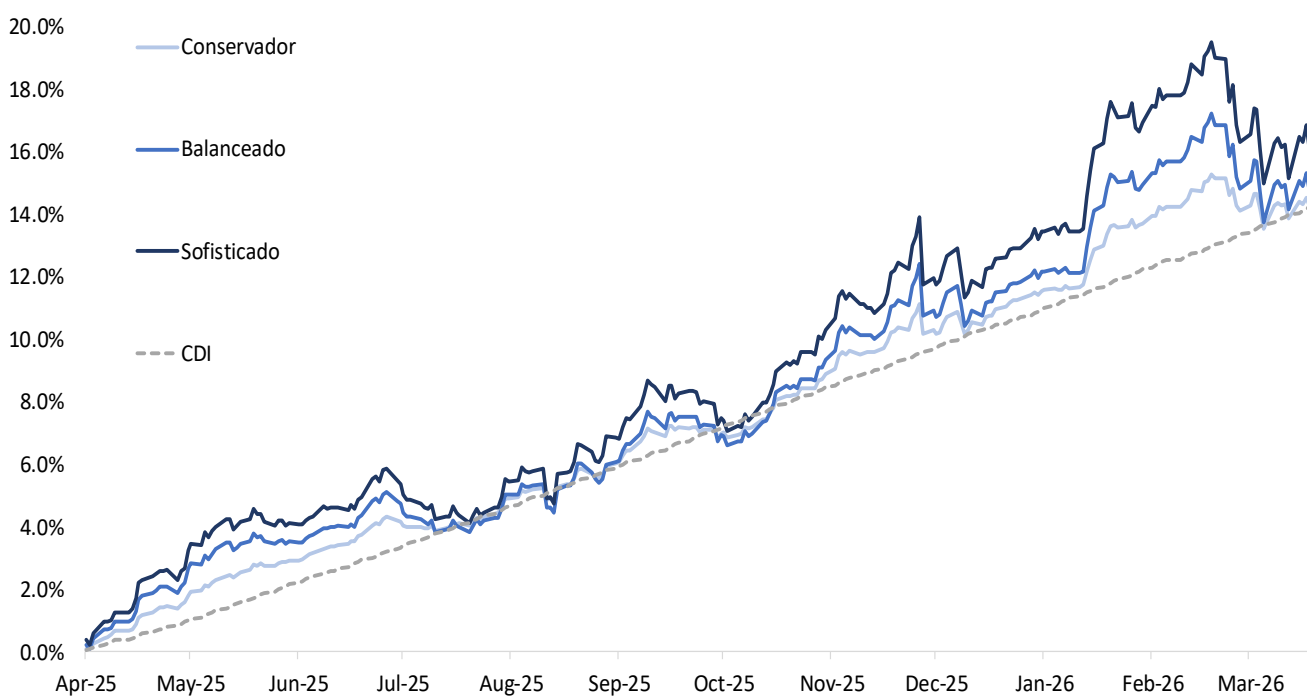
No Ano

3.58%	16.71%	-3.84%	-5.80%
-------	--------	--------	--------

Em 12 meses

14.85%	43.34%	21.98%	-8.87%
--------	--------	--------	--------

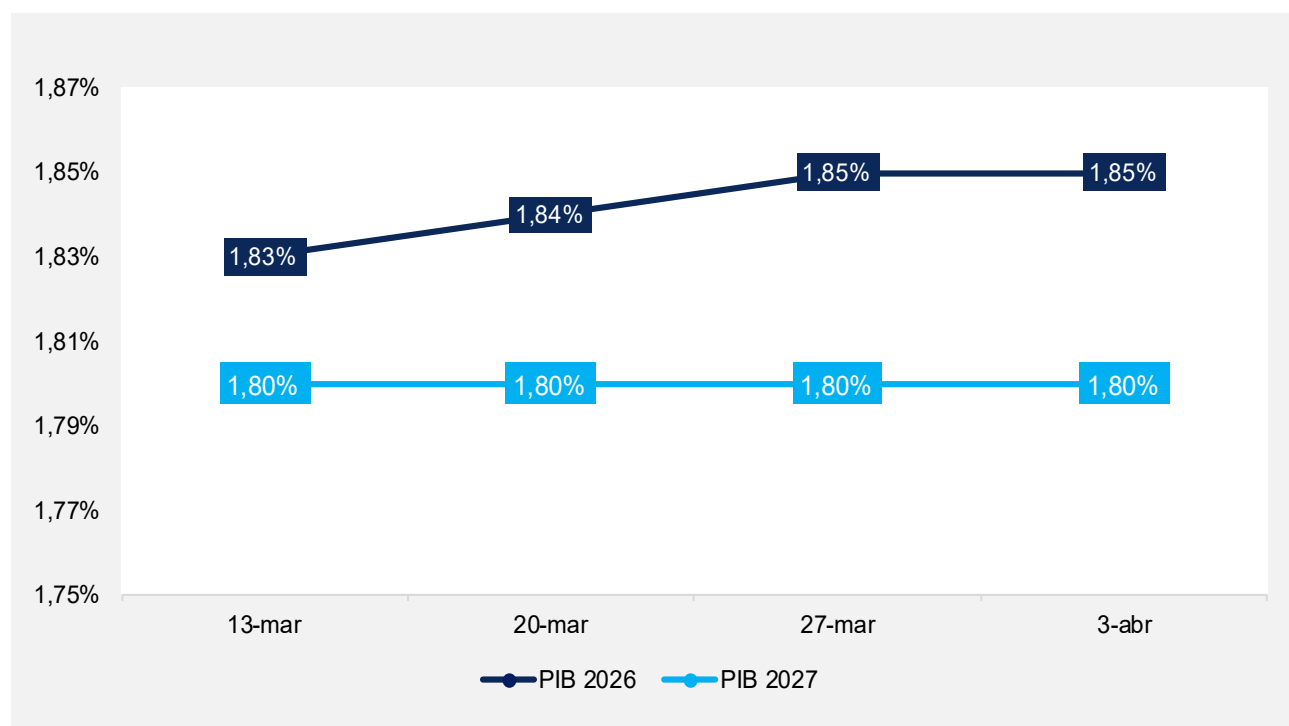
Asset Strategy: perfis vs benchmarks. Rentabilidade acumulado 12 meses



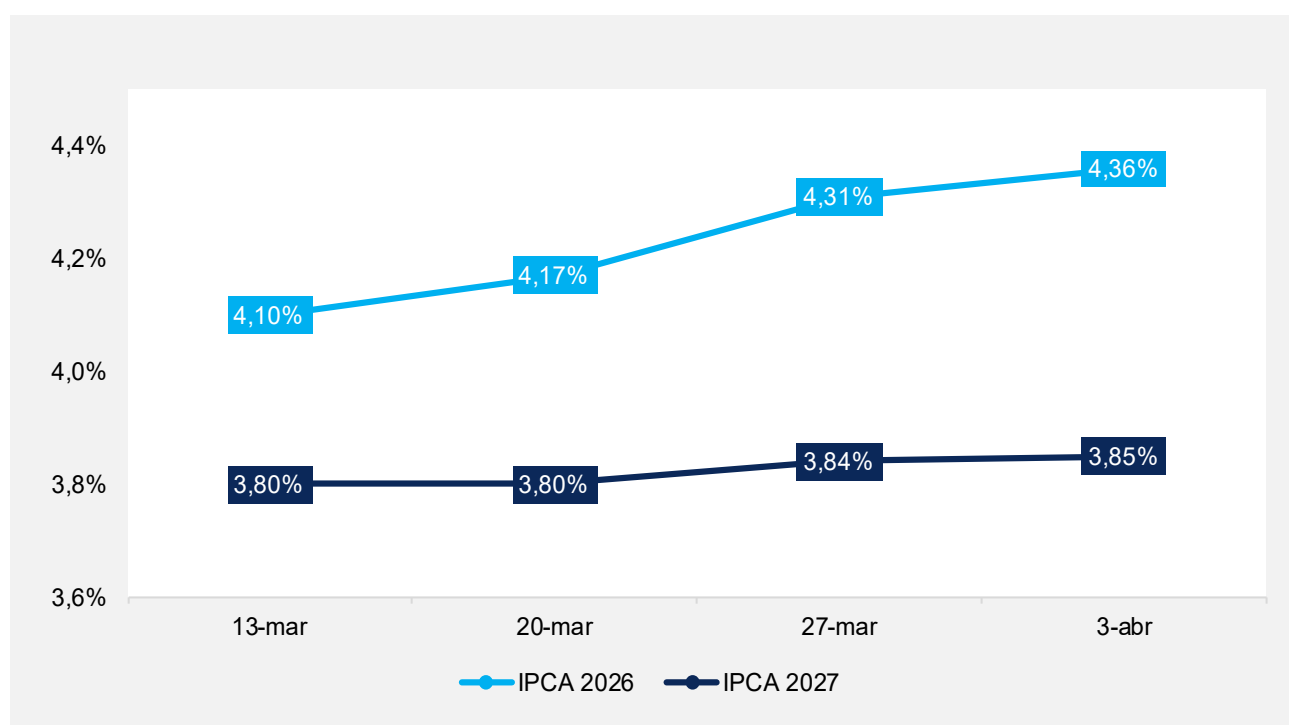
6-abr-26

Relatório Focus

Expectativas PIB – Acumulado em 4 trimestres (%)



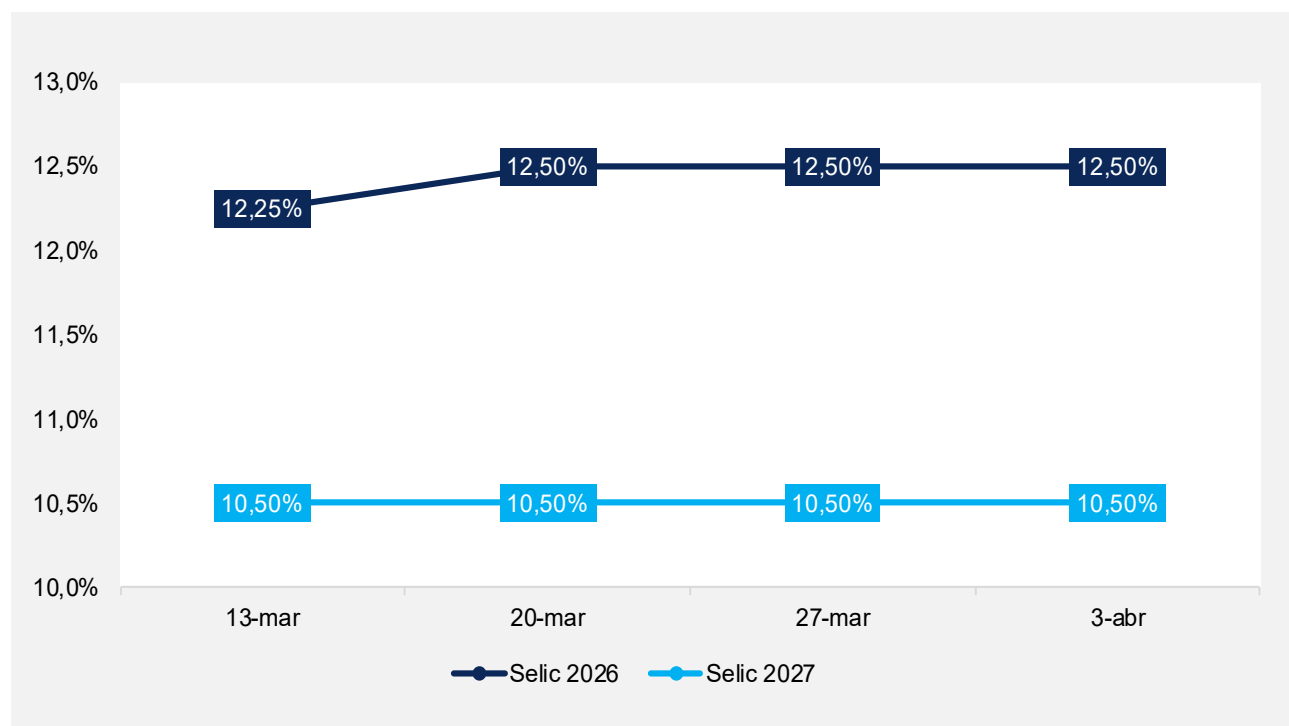
Expectativas IPCA – a/a %



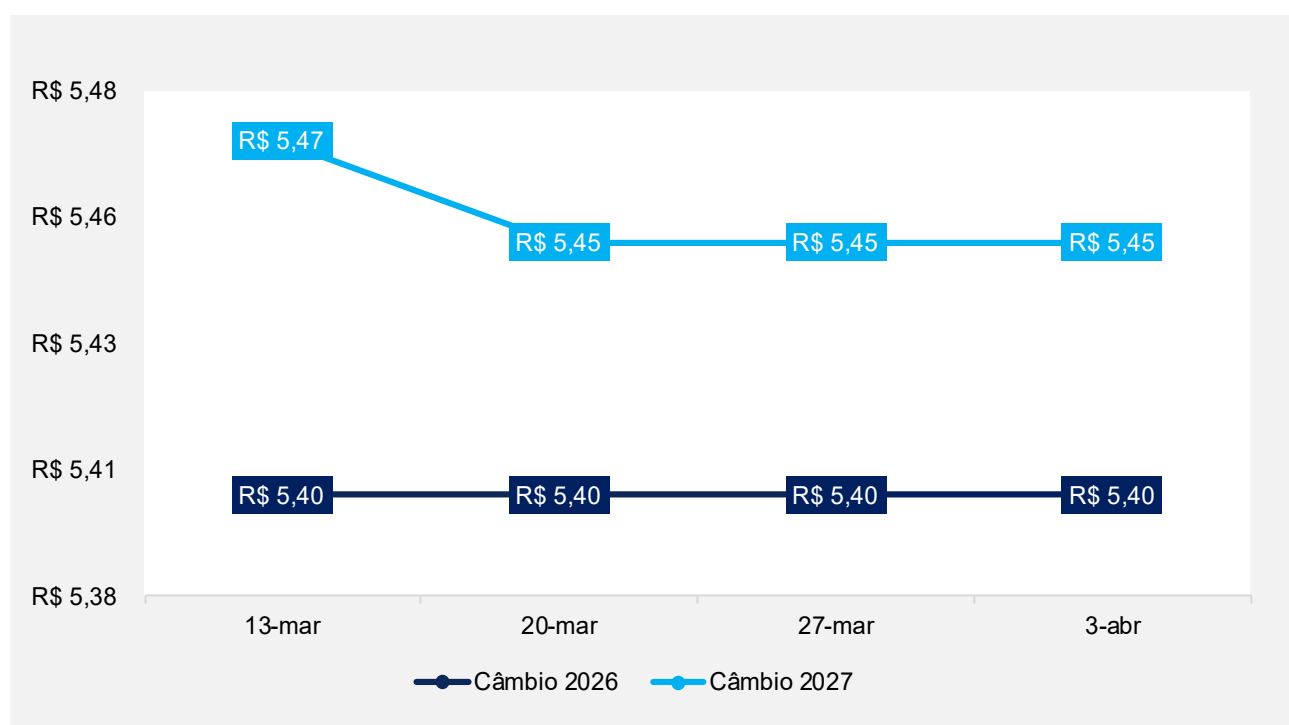
6-abr-26

Relatório Focus

Expectativas Taxa Selic - a/a %



Expectativas Taxa de Câmbio - BRLUSD



6-abr-26

Projeções BTG Pactual

Macro Research	2021	2022	2023	2024	2025	2026E	2027E
Atividade Econômica							
PIB Real (% a/a)	4,76	2,90	3,20	3,40	2,30	1,70	1,50
Taxa de Desemprego (% fim de período)	11,10	7,90	7,40	6,20	5,10	5,6	6,50
Agricultura (% a/a)							
Agricultura (% a/a)	0,28	(1,74)	16,30	(3,20)	11,70	(1,00)	1,10
Industria (% a/a)							
Industria (% a/a)	4,78	1,62	1,68	3,10	1,45	0,40	1,30
Serviços (% a/a)							
Serviços (% a/a)	5,22	4,16	2,78	3,80	1,82	2,20	1,60
Consumo Privado (% a/a)							
Consumo Privado (% a/a)	3,69	4,28	3,24	5,10	1,31	1,80	1,2
Consumo Governo (% a/a)							
Consumo Governo (% a/a)	3,46	1,53	3,77	2,00	2,10	2,50	2,00
Investimentos (% a/a)							
Investimentos (% a/a)	16,49	0,89	(2,98)	6,80	2,93	(1,10)	0,00
Exportações (% a/a)							
Exportações (% a/a)	5,87	5,54	8,92	2,80	6,16	2,50	2,00
Importações (% a/a)							
Importações (% a/a)	12,03	0,81	(1,18)	15,57	4,47	1,70	1,60
Inflação & Taxa de Juros							
IPCA (% a/a, fim de período)							
IPCA (% a/a, fim de período)	10,06	5,79	4,62	4,83	4,26	4,70	4,10
IGP-M (% a/a, fim de período)							
IGP-M (% a/a, fim de período)	17,78	5,45	(3,18)	6,54	(1,05)	4,6	4,00
Taxa Selic (% fim de período)							
Taxa Selic (% fim de período)	9,25	13,75	11,75	12,25	15,00	12,00	10,50
Taxa Selic (% média)							
Taxa Selic (% média)	4,59	12,63	13,25	10,92	14,56	13,81	11,54
Balança de Pagamentos & Taxa de Câmbio							
Balança Comercial (US\$ bi) – BP							
Balança Comercial (US\$ bi) – BP	42,30	51,52	92,28	65,84	59,73	66,50	73,00
Conta Corrente (US\$ bi)							
Conta Corrente (US\$ bi)	(39,40)	(42,00)	(27,10)	(66,20)	(69,00)	(68,00)	(63,00)
Investimento Direto no País (US\$ bi)							
Investimento Direto no País (US\$ bi)	46,44	75,50	62,75	74,09	77,70	80,00	85,00
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)							
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	5,57	5,29	4,85	6,18	5,47	5,20	5,10
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, média)							
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, média)	5,40	5,17	4,99	5,39	5,59	5,30	5,20
Contas Fiscais							
Resultado Primário (% do PIB)							
Resultado Primário (% do PIB)	0,7	1,2	(2,3)	(0,4)	(0,4)	(0,4)	(0,2)
Governo Central (R\$ bi)							
Governo Central (R\$ bi)	(35,9)	55,0	(265,0)	(45,0)	(59,0)	(50,0)	(37,0)
Resultado Nominal (% PIB)							
Resultado Nominal (% PIB)	(4,3)	(4,6)	(8,8)	(8,5)	(8,3)	(8,2)	(7,8)
Dívida Líquida (% PIB)							
Dívida Líquida (% PIB)	55,1	56,1	60,4	61,3	65,3	68,7	71,8
Dívida Bruta (% PIB)							
Dívida Bruta (% PIB)	77,3	71,7	73,8	76,3	78,7	81,7	84,2

de 30 de março a 03 de abril

Agenda Macro Semanal

Horário	País	Evento	Período	Expectativa	Anterior
Segunda-feira 6-abr					
11:00	EUA	ISM Serviços	1-Mar	54,9	56,1
Terça-feira 7-abr					
4:55	Alemanha	PMI Composite	1-Mar		51,9
5:00	Z. do Euro	PMI Composite	1-Mar	50,5	50,5
15:00	Brasil	Balança Comercial Mensal (USD bi)	1-Mar	6,8	4,208
Quarta-feira 8-abr					
6:00	Z. do Euro	PPI (YoY %)	1-Feb	-3,2	-2,1
6:00	Z. do Euro	Vendas no Varejo (MoM % a.s.)	1-Feb	0	-0,1
6:00	Z. do Euro	PPI (MoM %)	1-Feb	-0,6	0,7
8:00	Brasil	IGP-DI (MoM %)	1-Mar	1,06	-0,84
8:00	Brasil	IGP-DI (YoY %)	1-Mar	-1,39	-2,9
15:00	EUA	Ata do FOMC	18-Mar		
Quinta-feira 9-abr					
9:30	EUA	Renda Pessoal (MoM % a.s.)	1-Feb		0,4
9:30	EUA	Gasto Pessoal (MoM % a.s.)	1-Feb		0,4
9:30	EUA	Deflator do PCE (MoM % a.s.)	1-Feb		0,3
9:30	EUA	Deflator do PCE (YoY %)	1-Feb		2,8
9:30	EUA	Deflator do PCE (núcleo MoM %, a.s.)	1-Feb		0,4
9:30	EUA	Deflator do PCE (núcleo YoY %)	1-Feb		3,1
9:30	EUA	Pedidos de auxílio desemprego (mil)	4-Apr		
9:30	EUA	PIB (QoQ % anualizado)	1-Dec		0,7
22:30	China	PPI (YoY %)	1-Mar	0,5	-0,9
22:30	China	CPI (YoY %)	1-Mar	1,2	1,3
Sexta-feira 10-abr					
3:00	Alemanha	CPI Harmonizado (YoY%)	1-Mar		2,8
8:00	Brasil	IGP-M (MoM %) - 1ª Prévia	7-Apr		-0,19
9:00	Brasil	IPCA (MoM %)	1-Mar	0,74	0,7
9:00	Brasil	IPCA (YoY %)	1-Mar	4,01	3,81
9:00	Brasil	INPC (MoM %)	1-Mar		0,56
9:30	EUA	CPI (MoM %)	1-Mar		0,3
9:30	EUA	CPI: Núcleo (MoM %)	1-Mar		0,2
9:30	EUA	CPI (YoY %)	1-Mar		2,4
9:30	EUA	CPI: núcleo (YoY %)	1-Mar		2,5 ₇

Cenário macroeconômico

Estados Unidos

Refletindo o novo choque

Essa semana, a agenda macroeconômica volta a ganhar densidade com a divulgação de indicadores-chave: o ISM de serviços de março (06 de abril), o PCE de fevereiro (07 de abril) e o CPI de março (10 de abril). No campo da atividade, o ISM de serviços deve registrar desaceleração na margem (consenso 54,9 pts. vs. 56,1 anterior), com o mercado precificando simultaneamente uma aceleração relevante nos preços pagos (consenso 67,0 pts. vs. 63,0 anterior) e uma redução nos novos pedidos (consenso 56,8 pts. vs. 58,6 anterior). Embora o indicador siga em patamar sólido, esse quadro reflete um arrefecimento importante na margem, condicionado pela maior volatilidade nos preços de energia decorrente do conflito no Oriente Médio e pela incerteza generalizada que vem limitando as decisões de investimento e contratação. Em sentido parcialmente contrário, os dados de emprego no setor de serviços surpreenderam positivamente em março, com criação de 135 mil postos de trabalho (após a revisão de -113 mil em fevereiro), o que deve ajudar a contrabalançar, ao menos parcialmente, as perspectivas mais cautelosas para a atividade do setor no mês.

Por sua vez, o PCE de fevereiro deve mostrar uma aceleração do consumo real na margem (0,2% m/m vs. 0,1% anterior), apoiada sobretudo por uma recuperação nas vendas de automóveis. Nesse sentido, vale ressaltar que, apesar da expressiva destruição de vagas registrada em fevereiro, parte desse impacto sobre a renda deve ser atenuada pela aceleração dos ganhos salariais no período. Do lado dos preços, esperamos que o deflator do PCE, principal indicador de inflação acompanhado pelo Fed, tenha avançado 0,36% m/m (BTGPMS) no período (vs. 0,4% consenso vs. 0,28% anterior). Caso confirmado, a inflação acumulada em 12 meses deve permanecer estável em 2,8%. A alta deve ser parcialmente sustentada por itens voláteis, com a aceleração de alimentação na ponta, enquanto a gasolina deve sair do campo deflacionário registrado em janeiro. Setorialmente, bens devem registrar avanço expressivo: o segmento durável será apoiado pelo fim da sequência de 2 meses de deflação de veículos e pela aceleração da inflação de bens recreativos. Já os bens não duráveis devem apresentar aceleração generalizada, com destaque para vestuário. Em sentido oposto, o setor de serviços deve mostrar desaceleração na ponta, sustentada pelo comportamento mais benigno dos preços de habitação e dos serviços atrelados à saúde pessoal. Ainda assim, avaliamos que esse movimento não será suficiente para compensar a pressão pelo lado dos bens. Assim, o núcleo do deflator do PCE deve permanecer essencialmente estável (0,35% m/m BTGPMS vs. 0,4% consenso vs. 0,36% anterior), ainda em patamar bem acima do necessário para que o Fed conduza a inflação de volta à meta de 2% de forma sustentável.

Por sua vez, o CPI de março será o principal evento da semana, sendo este o primeiro dado de inflação a capturar de forma mais direta os efeitos do conflito no Oriente Médio. O mercado espera uma alta mensal expressiva do índice cheio (consenso 1,0% m/m vs. 0,27% anterior), enquanto o núcleo — que exclui energia e alimentos — deve apresentar aceleração bem mais branda (consenso 0,3% m/m vs. 0,22% anterior). O movimento altista no headline será atribuído sobretudo ao choque energético, refletido na alta dos preços de gasolina. Além disso, vale destacar que os custos mais elevados do combustível de aviação devem pressionar as tarifas aéreas nos próximos meses, com impacto adicional sobre o setor de serviços à frente. Caso esse cenário se confirme, a inflação em 12 meses do índice geral deve saltar de 2,4% para 3,4%, enquanto o núcleo deve apresentar aceleração mais moderada, de 2,5% para 2,7%.

Diante desse quadro, elevamos nossas estimativas para o CPI e para o deflator do PCE ao longo de todo o primeiro semestre, com pico projetado em torno de 3,8% nos próximos meses, e trajetória de desaceleração para 3,1% ao final do ano — ainda com riscos altistas. O núcleo deve seguir abaixo de 3%, mas também conta com riscos na direção contrária, em especial de natureza secundária, decorrentes de efeitos de segunda ordem sobre expectativas e dinâmica de serviços.

Nesse contexto, avaliamos que a barra para cortes de juros por parte do Fed se elevou de forma relevante no curto prazo. O Comitê enfrenta agora um cenário de riscos mais complexo para a inflação, com três camadas distintas de pressão: i) o choque energético decorrente do conflito no Oriente Médio, que se materializa a partir de um contexto em que a inflação já se encontrava acima da meta de forma persistente; ii) o choque tarifário tem apresentado um processo de normalização mais lento do que o esperado; e iii) a resistência do supernúcleo (serviços ex-habitação) segue rodando em patamar elevado sem uma explicação estrutural clara. Assim, não esperamos novos cortes de juros por parte do FOMC ao longo de 2026.

Cenário macroeconômico

Europa

Agenda leve

Na Zona do Euro, a agenda de indicadores estará mais leve, com o principal destaque sendo a produção industrial na Alemanha (09 de abril), referente a fevereiro, para a qual se espera uma recuperação na margem (consenso: 0,7% m/m vs. -0,5% anterior). Caso se confirme, a produção industrial interanual deverá registrar alta (consenso: 0,7% a/a vs. -1,2% anterior).

À frente, contudo, as perspectivas são menos favoráveis: antes da guerra no Irã, projetava-se alguma recuperação da indústria alemã, apoiada pelo aumento dos gastos públicos ao longo do primeiro semestre. No entanto, devido aos preços mais elevados do petróleo e do gás — que impactam diretamente um setor intensivo em energia —, a tendência é de desaceleração no ritmo de recuperação da economia alemã.

Cenário macroeconômico

Ásia e Oceania

A caminho de uma nova alta de juros

Na China, serão divulgados nos próximos dias (entre 08 e 15 de abril) os dados de crédito referentes a março, para os quais se espera alguma recuperação dos novos empréstimos após a pausa do Ano Novo Lunar em fevereiro. Ainda assim, devido à elevada base de comparação, as expectativas são de que o total de financiamento tenha ficado abaixo dos níveis observados no ano anterior.

Também serão divulgados os dados de inflação ao consumidor (CPI) e ao produtor (PPI) referentes a março (09 de abril). Por serem os primeiros dados de inflação a refletirem os impactos da guerra no Oriente Médio, espera-se que o PPI tenha saído de seu longo período de deflação, que já durava mais de três anos (consenso de 0,5% a/a vs. -0,9% anterior), impulsionado pelo aumento dos custos de energia decorrente do choque provocado pela guerra no Irã. Por outro lado, os efeitos sobre o CPI (consenso de 1,2% a/a vs. 1,3% anterior) devem ter sido mais limitados até o momento, com o indicador possivelmente recuando após um pico influenciado pelos feriados em fevereiro.

De forma geral, o cenário sugere uma tendência de redeflação ao longo do ano, decorrente do aumento dos custos do lado da oferta. É importante destacar, contudo, que a inflação gerada por custos energéticos elevados difere significativamente daquela impulsionada pela demanda agregada. Nesse caso, trata-se de uma inflação “ruim”, pois eleva custos e preços ao mesmo tempo em que comprime a produção e a renda real, agravando um quadro já fragilizado de consumo interno — ou seja, pode aprofundar a desaceleração mesmo em um ambiente de preços mais altos.

No Japão, serão divulgados os dados de ganhos salariais referentes a fevereiro (07 de abril), para os quais se espera um ritmo mais moderado de crescimento, tanto em termos nominais (consenso de 2,7% a/a vs. 3,0% anterior) quanto reais (consenso de 1,2% a/a vs. 1,4% anterior), após os bônus de inverno observados em janeiro. Apesar da desaceleração na margem, entendemos que o atual ritmo de crescimento dos salários permanece compatível com o necessário para que o BoJ leve a inflação à sua meta de 2% de forma persistente.

À frente, os resultados iniciais das negociações salariais deste ano (shunto) indicam mais uma rodada de aumentos relevantes, sustentando as perspectivas de manutenção da inflação via elevação dos custos de mão de obra. Os sindicatos reportaram um aumento salarial médio de 5,26% (vs. 5,46% no mesmo período do ano anterior) para trabalhadores efetivos até 23 de março, mantendo-se na faixa de 5% pelo terceiro ano consecutivo.

Nesse contexto, nosso cenário base contempla mais dois aumentos de juros no terceiro e quarto trimestres de 2026, levando a taxa para 1,25%, com taxa terminal estimada entre 1,0% e 1,5%. Caso o USD/JPY ultrapasse o nível de 160, esse cronograma poderá ser antecipado.

Cenário macroeconômico

Brasil

IPCA em foco

O IPCA de março será divulgado na próxima sexta-feira (10 de abril). Nossa projeção preliminar está em +0,75% m/m (4,01% y/y), acelerando em relação ao observado em fevereiro (0,70% m/m e 3,81% y/y). Alimentação no domicílio acelerando após meses com comportamento mais benigno; bens industriais com algum arrefecimento após ficar mais pressionado desde dezembro, com destaque para o arrefecimento de higiene pessoal. Por sua vez, serviços subjacentes com comportamento desfavorável, sendo influenciado pela alta de serviços bancários e itens mais ligados ao mercado de trabalho aquecido. Nossa projeção para o IPCA 2026 e 2027 permanecem em 4,7% e 4,1%, respectivamente.

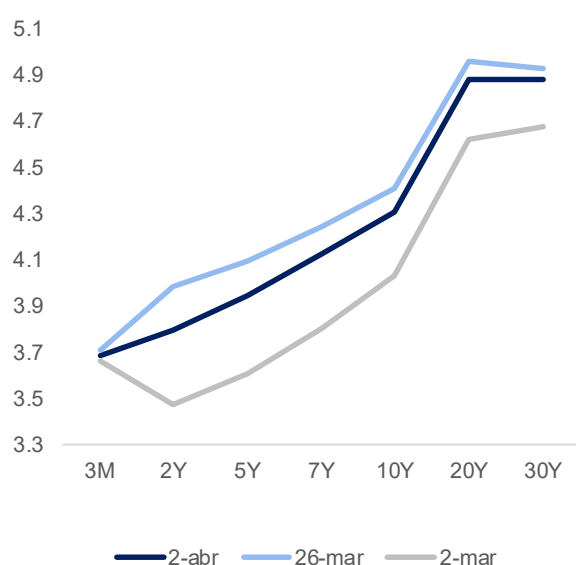
Os dados de balança comercial (07 de abril) deverá totalizar US\$8,0bilhões em março, ligeiramente acima do superávit observado em março de 2025 (US\$7,7bilhões). O resultado deverá ser puxado pela aceleração sazonal nas exportações de soja, além de vendas externas robustas de petróleo e carnes. Pelo lado das importações, os bens de consumo deverão ser o destaque. No acumulado em 12 meses, a balança comercial deverá totalizar US\$74,4bilhões. Com a alta dos preços de petróleo no mercado internacional, nossa projeção de saldo comercial para 2026 (atualmente em US\$75bilhões) deverá ser revisada para cima.

Visão estratégica

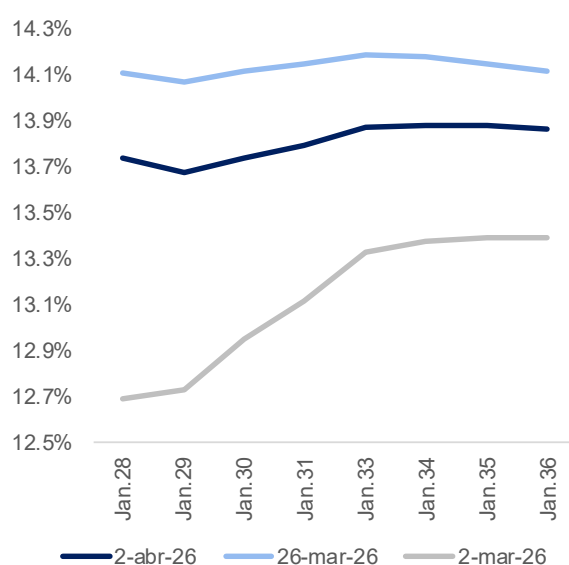
Taxas de Juros

Nesta semana, os principais gatilhos para as curvas de juros ao redor do mundo devem estar associados, sobretudo, a notícias sobre a desescalada da guerra no Oriente Médio, bem como à divulgação de dados importantes, em especial o CPI de março nos EUA, que deverá consolidar os primeiros impactos da alta dos preços de energia sobre a inflação.

Curva de Juros (US)



Curva de Juros (DI Futuro)



Taxas de Juros do Governo	Curva de Juros (% a.a.)		Inflação Implícita (% a.a.)		Juro Real (% a.a.)	
	2 anos	10 anos	2 anos	10 anos	2 anos	10 anos
EUA	3.80%	4.30%	3.25%	2.36%	0.54%	1.95%
Alemanha	2.62%	2.99%	3.13%	2.24%	-0.51%	0.76%
Reino Unido	4.32%	4.83%	4.68%	3.50%	-0.35%	1.33%
Brasil	13.71%	13.98%	7.74%	7.48%	5.97%	6.51%
Diferencial de Juros						
Brasil vs EUA	9.91%	9.68%	4.49%	5.12%	5.43%	4.56%
EUA vs Alemanha	1.18%	1.31%	0.13%	0.12%	1.05%	1.19%
UK vs Alemanha	-1.71%	-1.84%	-1.55%	-1.27%	-0.16%	-0.57%
EUA vs UK	-0.53%	-0.53%	-1.42%	-1.15%	0.89%	0.62%

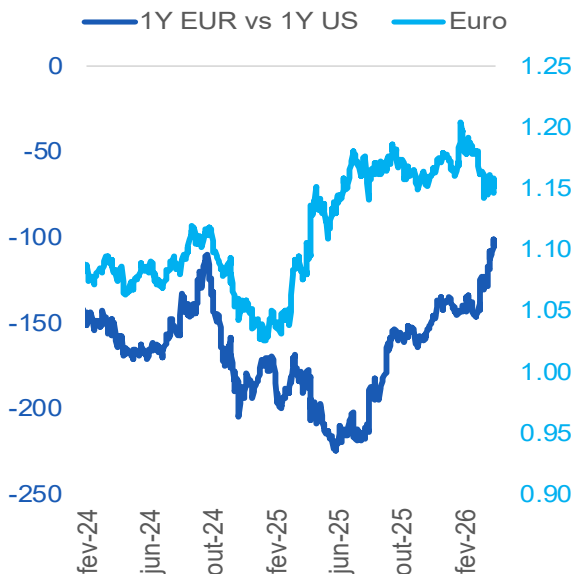
Juros DI	2-abr-26	26-mar-26	2-mar-26	30 dias (bps)	2026 (bps)	12M (bps)
Jan.27	14.05%	14.33%	13.30%	75	-28	-80
Jan.28	13.74%	14.11%	12.69%	105	-37	-88
Jan.29	13.68%	14.07%	12.73%	95	-39	-93
Jan.30	13.74%	14.12%	12.95%	80	-38	-96
Jan.31	13.80%	14.16%	13.12%	68	-36	-98
Jan.33	13.88%	14.19%	13.33%	55	-32	-92
Jan.34	13.89%	14.18%	13.38%	51	-30	-87
Jan.35	13.88%	14.15%	13.39%	49	-27	-88
Jan.36	13.86%	14.12%	13.40%	47	-26	-86

Visão estratégica

Taxas de Juros

Internacional

Euro vs Spread de juros 1Y (bps) UE vs EUA

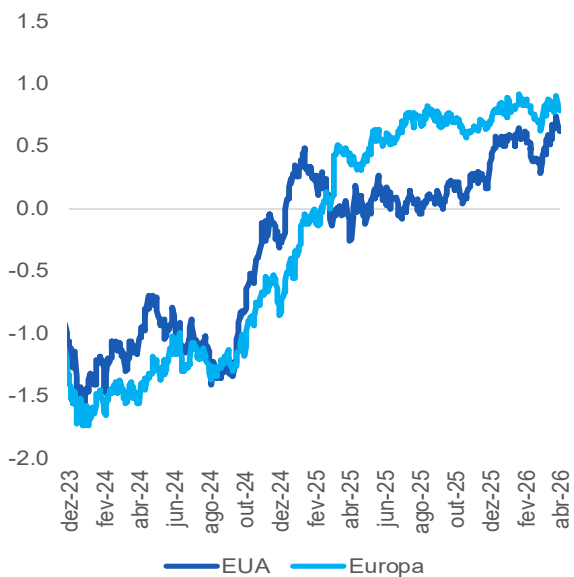


Doméstico

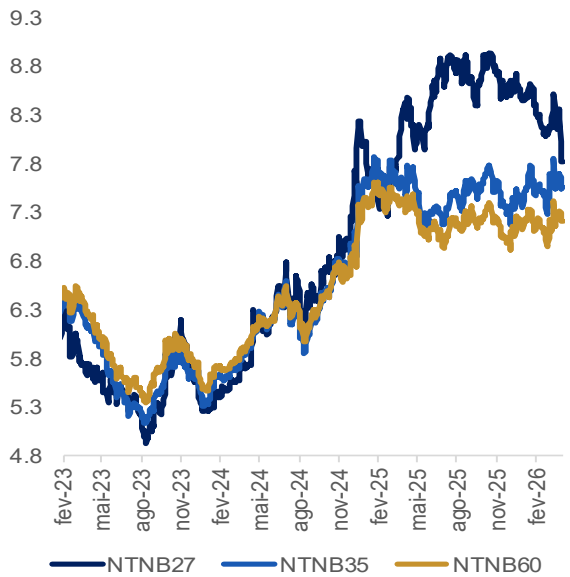
Inclinação da Curva de Juros



Inclinação (10Y vs 3M): EUA vs Euro



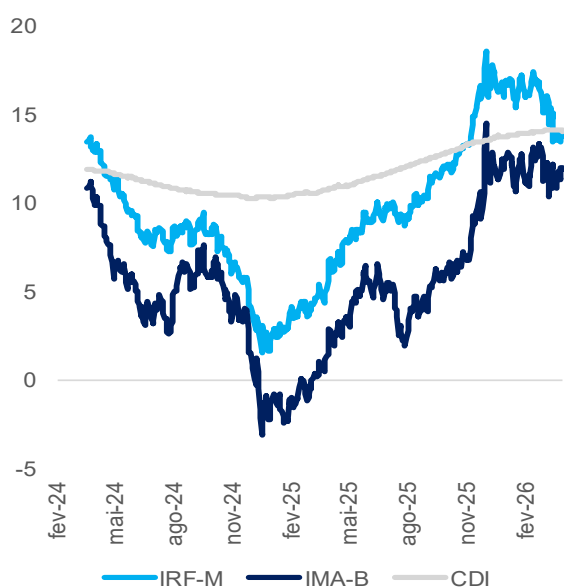
Evolução das taxas indexadas ao IPCA (%)



Spread de crédito



Retorno (% a/a): Pré (IRF-M) vs IPCA+ (IMA-B)



Visão estratégica

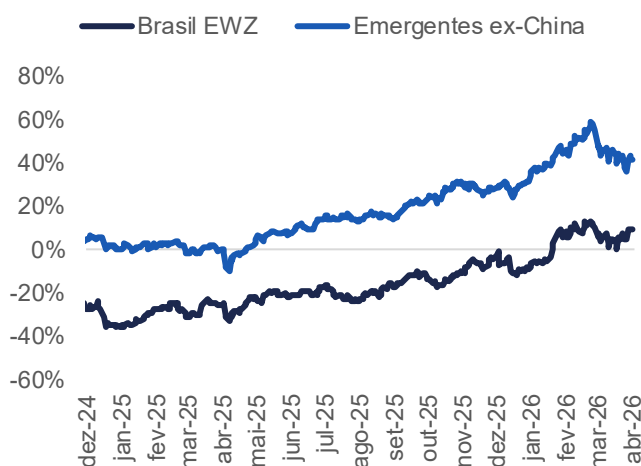
Renda Variável

Ao longo da última semana, o S&P 500 apresentou recuperação importante, apoiado pelas perspectivas de um cessar-fogo na guerra envolvendo o Irã, além da divulgação do payroll melhor do que o esperado. No Brasil, o Ibovespa foi sustentado pela melhora do ambiente externo, dinâmica que poderá se estender a depender de um noticiário positivo, sobretudo atrelado à guerra.

S&P 500: preço/lucro



Brasil (EWZ) vs Emerging Markets ex-China (% 12 meses)



País	Índice/ETF	2-abr-26	Semana	Abril	2026	12 meses
EUA	Dow Jones	46,505	1.2%	0.4%	-3.2%	21.4%
Emergentes	XGEM Equity	\$ 40.70	2.0%	-0.3%	6.1%	47.3%
EUA	S&P	6,583	1.6%	0.8%	-3.8%	29.7%
China	MCHI Equity	\$ 55.84	1.5%	-0.6%	-7.0%	11.7%
Europa	EZU Equity	\$ 63.11	3.5%	0.8%	-1.5%	27.4%
Brasil	EWZ Equity	\$ 38.35	4.2%	-0.1%	20.7%	56.5%
EUA	Nasdaq	21,879	2.2%	1.3%	-5.9%	40.4%

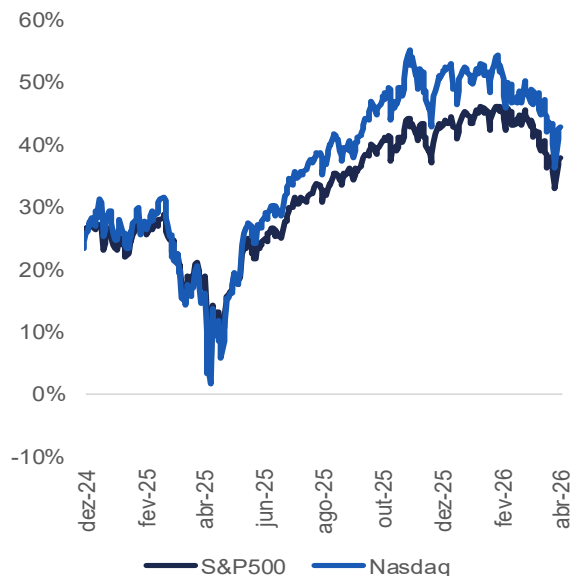
Índices	Código	2-abr-26	Semana	Abril	2026	12 meses
Fundos Imob.	IFIX	3,886	0.7%	0.4%	2.9%	17.4%
Indústria	INDX	30,437	4.1%	0.5%	1.8%	17.9%
Mat. Básicos	IMAT	6,351	3.3%	0.8%	2.9%	19.4%
Ibovespa	IBOV	188,052	2.9%	0.3%	16.7%	43.3%
Small Caps	SMLL	2,442	2.9%	0.2%	5.9%	24.9%
Utilities	UTIL	19,671	3.5%	0.9%	16.0%	67.4%
Consumo	ICON	3,240	2.0%	-0.5%	4.1%	20.5%
Finanças	IFNC	19,481	3.2%	0.9%	12.6%	39.4%

Visão estratégica

Renda Variável

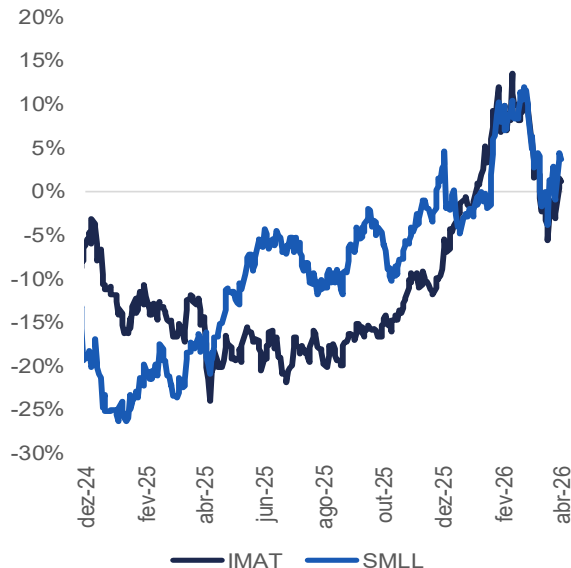
Internacional

S&P e Nasdaq



Doméstico

Materiais Básicos x Small Caps



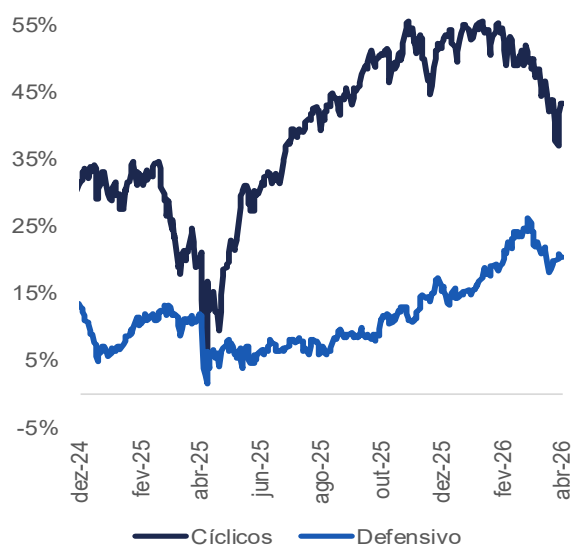
Shangai vs Euro stoxx



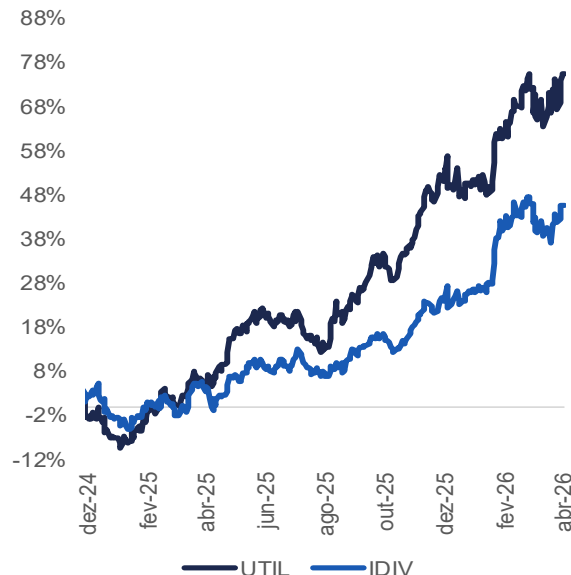
Indústria x Serviços



Cíclicos vs defensivos



Utilidade Pública x Dividendos



Visão estratégica

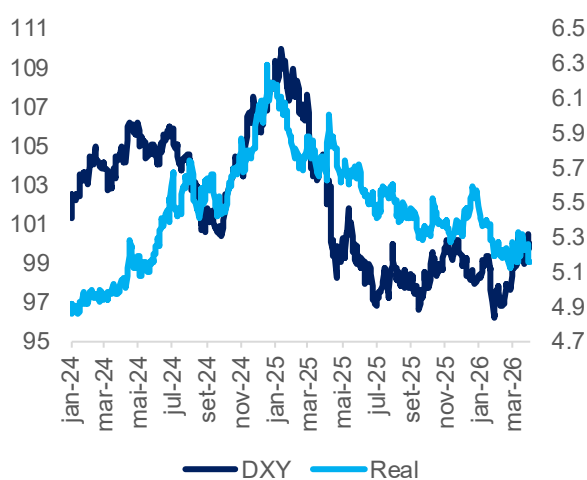
Commodities e moedas

No mercado de moedas, o dólar ficou praticamente de lado frente aos principais pares (DXY), enquanto o real seguiu se apreciando em meio a perspectivas mais benignas para o cenário global. No campo das commodities, o petróleo registrou mais uma semana de alta, permanecendo próximo de US\$ 110 por barril.

Minério de Ferro Cingapura vs Petróleo Brent (US\$)



DXY Index vs Real



Commodity	Bolsa	2-abr-26	Semana	Abril	2026	12 meses
CRB Index		565.32	0.60%	2.4%	4.7%	3.0%
Café	Nova Iorque	\$ 295.40	-4.0%	-1.0%	-11.4%	-16.0%
Gado	Chicago	\$ 246.33	4.9%	1.3%	8.6%	26.8%
Minério de Ferro	Cingapura	\$ 105.10	-1.2%	-0.4%	1.0%	12.7%
Soja (bu)	Chicago	\$ 1,163.50	-0.9%	-0.6%	9.7%	11.7%
Petróleo Brent	Londres	\$ 109.03	7.0%	4.9%	81.0%	64.0%
Ouro		\$ 4,676.76	6.87%	0.19%	8.27%	50.12%
Milho (bu)	Chicago	\$ 452.25	-3.2%	-1.2%	0.9%	-3.7%

Moedas	País	2-abr-26	Semana	Abril	2026	12 meses
DXY	EUA	100.03	0.1%	0.1%	1.8%	-2.0%
Real	Brasil	R\$ 5.16	-1.6%	0.4%	-5.8%	-8.9%
Peso Mexicano	México	R\$ 0.29	-1.1%	0.3%	-5.3%	2.2%
Libra Esterlina	Inglaterra	R\$ 6.82	-2.3%	0.6%	-7.5%	-7.5%
Yuan	China	R\$ 0.75	-1.5%	0.2%	-4.5%	-3.1%
Euro	Europa	R\$ 5.95	-1.5%	0.6%	-7.5%	-4.3%
Rand Sul-African	África do Sul	R\$ 0.30	-0.6%	0.7%	-7.7%	1.4%

Disclaimer

O conteúdo dos relatórios não pode ser reproduzido, publicado, copiado, divulgado, distribuído, resumido, extraído ou de outra forma referenciado, no todo ou em parte, sem o consentimento prévio e expresso do BTG Pactual. Nossas análises são baseadas em informações obtidas junto a fontes públicas que consideramos confiáveis na data de publicação, dentre outras fontes. Na medida em que as opiniões nascem de julgamentos e estimativas, estão naturalmente sujeitas a mudanças. O conteúdo dos relatórios é gerado consoante as condições econômicas, de mercado, entre outras, disponíveis na data de sua publicação, de modo que as conclusões apresentadas estão sujeitas a variações em virtude de uma gama de fatores sobre os quais o BTG Pactual não tem qualquer controle. Cada relatório somente é válido na sua respectiva data, sendo que eventos futuros podem prejudicar suas conclusões. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. O BTG Pactual não assume nenhuma responsabilidade em atualizar, revisar, retificar ou anular tais relatórios em virtude de qualquer acontecimento futuro.

Nossos relatórios possuem caráter informativo e não representam oferta de negociação de valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros em qualquer jurisdição. As análises, informações e estratégias de investimento têm como único propósito fomentar o debate entre os analistas do BTG Pactual e os seus clientes. O BTG Pactual ressalta que os relatórios não incluem aconselhamentos de qualquer natureza, como legal ou contábil. O conteúdo dos relatórios não é e nem deve ser considerado como promessa ou garantia com relação ao passado ou ao futuro, nem como recomendação para qualquer fim. Cada cliente deve, portanto, desenvolver suas próprias análises e estratégias.

As informações disponibilizadas no conteúdo dos relatórios não possuem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e à sua tolerância a risco. Portanto, nada nos relatórios constitui indicação de que a estratégia de investimento ou potenciais recomendações citadas são adequadas ao perfil do destinatário ou apropriadas às circunstâncias individuais do destinatário e tampouco constituem uma recomendação pessoal.

Os produtos e serviços mencionados nos relatórios podem não estar disponíveis em todas as jurisdições ou para determinadas categorias de investidores. Adicionalmente, a legislação e regulamentação de proteção a investidores de determinadas jurisdições podem não se aplicar a produtos e serviços registrados em outras jurisdições, sujeitos à legislação e regulamentação aplicável, além de previsões contratuais específicas.

O recebimento do conteúdo dos relatórios não faz com que você esteja automaticamente enquadrado em determinadas categorias de investimento necessárias para a aplicação em alguns produtos e serviços. A verificação do perfil de investimento de cada investidor deverá, portanto, sempre prevalecer na checagem dos produtos e serviços aptos a integrarem sua carteira de investimentos, sendo certo que nos reservamos ao direito de eventualmente recusarmos determinadas operações que não sejam compatíveis com o seu perfil de investimento.

O Banco BTG Pactual S.A. mantém, ou tem a intenção de manter, relações comerciais com determinadas companhias cobertas nos relatórios. Por esta razão, os clientes devem estar cientes de eventuais conflitos de interesses que potencialmente possam afetar os objetivos dos relatórios. Os clientes devem considerar os relatórios apenas como mais um fator no eventual processo de tomada de decisão de seus investimentos.

O Banco BTG Pactual S.A. confia no uso de barreira de informação para controlar o fluxo de informação contida em uma ou mais áreas dentro do Banco BTG Pactual S.A., em outras áreas, unidades, grupos e filiais do Banco BTG Pactual S.A.. A remuneração do analista responsável pelo relatório é determinada pela direção do departamento de pesquisa e pelos diretores seniores do BTG Pactual S.A. (excluindo os diretores do banco de investimento). A remuneração do analista não é baseada nas receitas do banco de investimento, entretanto a remuneração pode ser relacionada às receitas do Banco BTG Pactual S.A. como um todo, no qual o banco de investimento, vendas e trading (operações) fazem parte.

O BTG Pactual não se responsabiliza assim como não garante que os investidores irão obter lucros. O BTG Pactual tampouco irá dividir qualquer ganho de investimentos com os investidores assim como não irá aceitar qualquer passivo causado por perdas. Investimentos envolvem riscos e os investidores devem ter prudência ao tomar suas decisões de investimento. O BTG Pactual não tem obrigações fiduciárias com os destinatários dos relatórios e, ao divulgá-los, não apresenta capacidade fiduciária.

O BTG Pactual, suas empresas afiliadas, subsidiárias, seus funcionários, diretores e agentes não se responsabilizam e não aceitam nenhum passivo oriundo de perda ou prejuízo eventualmente provocado pelo uso de parte ou da integralidade do conteúdo dos relatórios.

Certificação dos analistas: Cada analista da área de Análise & Research primariamente responsável pelo conteúdo desse relatório de investimentos, total ou em parte, certifica que: i) Todos os pontos de vista expressos refletem suas opiniões e pontos de vista pessoais sobre as ações e seus emissores e tais recomendações foram elaboradas de maneira independente, inclusive em relação ao BTG Pactual S.A. e / ou suas afiliadas, conforme o caso. ii) nenhuma parte de sua remuneração foi, é ou será, direta ou indiretamente, relacionada a quaisquer recomendações ou opiniões específicas aqui contidas ou relacionadas ao preço de qualquer valor mobiliário discutido neste relatório.

Parte da remuneração do analista é proveniente dos lucros do Banco BTG Pactual S.A. como um todo e/ou de suas afiliadas e, conseqüentemente, das receitas oriundas de transações realizadas pelo Banco BTG Pactual S.A. e / ou suas afiliadas. Quando aplicável, o analista responsável por este relatório e certificado de acordo com as normas brasileiras será identificado em negrito na primeira página deste relatório e será o primeiro nome na lista de assinaturas.

O Banco BTG Pactual S.A., atuou como coordenador-líder ou coordenador de uma oferta pública dos ativos de emissão de uma ou mais companhias citadas neste relatório nos últimos 12 meses. Também atua como formador de Mercado de ativo de emissão de uma ou mais companhias citadas neste relatório.

Para obter um conjunto completo de disclosures associadas às empresas discutidas neste relatório, incluindo informações sobre valuation e riscos, acesse

www.btgpactual.com/research/Disclaimers/Overview.aspx